



JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.



MODAS



As horas, essas irmãs inseparáveis que constantemente voão sobre a terra, tão vagarosas quando trazem consigo a dor e o soffrimento, e tão velozes quando conduzem o prazer e alegria... estas horas passarão rapidas como o pensamento do homem, e no meu posto aqui estou de novo para dar-vos noticia das novidades do mundo elegante.

Mais uma semana deslisou-se entre ondas de sedas e blondes, sem que a mais pequena alteração na moda nos despertasse a curiosidade. Tudo é o mesmo, usa-se tudo da mesma fórma ainda; mas, em compensação, tudo é bonito, lindo, rico, encantador.

As sedas de fio de ouro, tecidas ou bordadas, de um trabalho fabuloso; as tarlatanas e as grenadinas, delicadamente prateadas ou douradas; os enfeites de cabeça, as guarnições, as folhagens, as rendas, em tudo scintilando o ouro e a prata, continuão a estar no auge da moda, gozando do geral acolhimento do mundo elegante.

Com razão. Lindíssimas, e de um effeito maravilhoso, nos salões que refulgem ao seu brilhar, estes ricos estofos, estes dourados enfeites, esta moda, enfim, representa a mais deliciosa idealidade das fantasticas magnificencias desses encantados palacios, onde a belleza das fadas, que os presidirão, completava todo o seu esplendor.

Depois dos estofos, tratando do talhe dos vestidos, a mesma coisa acontece — não ha alteração. O corpo, á grega, ou á Luiz XV, nos vestidos de baile, são os de mais bom-tom, com mangas mui curtas e muito enfeitadas. Nos vestidos de passio, de estar em casa, e nos de fazer visitas, o corpo é totalmente afogado, ou aberto adiante, de pregas, liso, ou em fôfos.

As mangas pagodes, mui largas em baixo e curtas a meio braço, são hoje de um effeito commum, e quasi desagradavel, depois da criação dos novos moldes de mangas desta estação.

A saia dos vestidos passa pelo mesmo gosto variado da moda: são lisas, em disposição, e

outras vezes, ornadas de dous ou tres volantes. A saia lisa e bordada de applicação é de muito bom gosto:

Ainda as cinturas curtas, e de bico sómente nos vestidos de primeira ordem, não estão dispensadas de formar o primeiro ornamento do vestido de bom-tom. Diz o *Moniteur de la Mode* que as elegantes de Pariz achão-se tão commodamente vestidas nesta cintura de meio termo, que poucas ou nenhuma esperanças haverão, que ella desça sequer um quarto de linha mais abaixo — a menos, diz ainda o *Moniteur*, que as *grisettes*, que gyrão as ruas de Pariz em corpo muito de proposito para serem miradas, não se lembrem de restaurar para esse fim a moda, que ellas sómente usarão, das cinturas horriavelmente baixas.

Ainda assim ficarão as *grisettes* em unidade, porque o mundo elegante mais uma vez lhes não approvaria a lembrança.

Entre as côres já conhecidas de preferencia, sobresahe hoje a côr de violeta, lembrando talvez a violeta característica do antigo imperio. Esta côr, essencialmente nos tecidos de seda, está admittida aos vestidos de passeio e roupões. E a grinalda de violetas, que nós chamaríamos — enfeite de viuva — em Pariz a florziinha, modesta e delicada, enfeita a fronte da donzella e da senhora casada, completando um dos mais modernos ornamento do penteado.

Das disposições de cabello, é certamente o penteado *Eugénie*, o que tem gozado das honras da primazia. Em geral, elle diz bem, e dá ao rosto um certo ar de agradável distincção, que augmenta de belleza, se a elegante for bem penteada.

As joias de aço polido são mui graciosas: seu trabalho é de uma perfeição á toda a prova, e tem o cunho de uma distincção particular, que muito convém ao *meio-toilette*.

Estas joias consistem em lindissimas pulseiras e alfinetes de diversos gostos, cujo trabalho sorprende a vista. O armazem Wallerstein recebeu ultimamente um delicado sortimento destas pulseiras e alfinetes, que tem merecido a approvação geral das senhoras do bom-tom.

Fallando em joias, devo convidar a attenção do mundo elegante a visitar de novo a Joalheiria dos Srs. Carlos Valais e C.^a, rua do Ouvidor n.º 80. Estes Srs. receberão de Pariz valiosas joias do mais apurado gosto que liei visto na ordem da delicadeza e maguificência: ultimamente, para

o primeiro mimo de casamento de duas lindas noivas, vendêrão elles algumas destas preciosidades, que bem se podem chamar perfeições da arte, pelo seu esmerado trabalho e lavor dos brilhantes.

Por ultimo noticiarei, antes de fechar este artigo, que a bem conhecida e mui antiga Agua de Colonia, retomou nos toucadores parisienses o primeiro lugar, que outr'ora occupára com tantas virtudes aclamada. Dentro do frasquinho mais lapidado; collocado no lugar favorito sobre o qual lança a mão todos os dias a elegante ao pentear-se; ao mirar-se ao espelho fiel; ali se acha hoje a prestimosa e legitima agua de colonia de Farina, por primeiro perfume das finissimas cambraias do *toilette*.

E tenha a minha querida leitora um dia de rosas, que eu vou acabar de lêr os meus Jornaes chegadinhos no vapor inglez, para noticiar-lhe domingo proximo as novidades que occorrêrão no mundo das modas.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

Os numeros aqui estabelecidos correspondem aos numeros distribuidos por sobre o padrão de bordados.

- N.º 1.— Charuteira bordada a matiz.
- N.º 2.— Bordado de trancelim.
- N.º 3.— Touca de ponto real e aberto.
- N.º 4.— Fundo da touca.
- N.º 5.— Entremeio de ponto real.
- N.º 6.— Fita de festão para mangas.
- N.º 7.— Bordado de ponto de cadêa para lenço ou saia.
- N.º 8.— Bordado inglez para saia de baixo.
- N.º 9.— Tira bordada de ponto real e festão.
- N.º 10.— Ramos soltos de ponto real.
- N.º 11.— Canto ou centro de lenço a ponto real.
- N.º 12.— Lenço festão a ponto real e abertos diferentes.
- N.º 13.— Um — A — em bordado inglez.
- N.º 14.— Um — R — no mesmo bordado.
- N.º 15.— Um — D F — a ponto real.
- N.º 16.— Um — M L — no mesmo ponto.
- N.º 17.— Um — D — em festão.
- N.º 18.— Borla de crochet.
- N.º 19.— Flôr de lã.
- N.º 20.— Amostra do como pñncipião a fazer-se as mesmas flôres.

Gattete, 12 de Agosto.

Christina.

ROMANCE.

A DAMA DAS CAMELIAS.

(Continuado do n. 52.)

XII.

« A's cinco horas da manhã Margarida me disse:

— Perdôa, meu amigo, se te peço que te retires; mas devo fazel-o, porque, vindo aqui o duque quasi todos os dias de manhã, não quero deixar de recebê-lo.

« Levantei-me, e disse-lhe:

— E quando poderei voltar cá?

— Toma esta chavesinha, abre aquella porta e retira-te. Pelo dia adiante receberás letras minhas, e desde já te previno que deves obedecer-me ás cegas.

— Sim, mas quero merecer-te um favor, lhe disse.

— Qual é? perguntou-me.

— Que deixes esta chave em meu poder.

— Desconfias de mim?

— Não; mas quero guardar essa chave.

— Nunca, Arnando, me prestei ao que ora exiges de mim, disse Margarida.

— Está bom... mas creio que mereço mais isso do que os que tem sollicitado de ti esse favor, retorqui.

— Pois bem, fica com ella, mas não te queixes se por ventura algum dia achares essa porta *trancada*... repara que ha lá parte de dentro não menos de dous trincos.

— Como és má, Margarida!

— Não sou má, não... e, tanto não o sou, que me obrigo a mandar arrancar esses trincos.

— Então amas-me sinceramente? perguntei-lhe.

— Está me parecendo que sim, respondeu, Mas guardemos estas cousas para logo... adeus, que quero dormir.

« Despedi-me della, cobrindo-lhe as mãos de beijos, e sahi.

« As ruas estavam ermas, e a manhã era deliciosa.

« Acreditei que ellas e os edificios por que passava erão meus, não cabendo em mim de alegria.

« Cheguei ainda cedo em casa, e metti-me na cama saboreando a minha felicidade. E se o meu criado não me tivesse acordado teria dormido todo o dia.

« Dahi a pouco recebi por mão do dito meu criado uma carta de Margarida escripta nestas termos:

« Ordeno-te que te aches á noite no Vaudeville, camarote da primeira ordem n.º 2, em que poderás entrar no terceiro entre-acto.

« M. G. »

« Beijei este bilhete, e guardei-o com todo o recato.

« E, apesar de ter a certeza de me encontrar com ella poucas horas depois, sahi para dar um passeio aos Campos Elysios, onde estava convencido de que havia de encontrar essa mulher, o que realmente aconteceu, porque, não só tive a dita de encontral-a, como de vel-a sorrir-se-me!

« Tencionei tambem ir visitar a espectralhona Prudencia; mas reciei offender Margarida dando esse passo, e por isso não o fiz.

« Comprei um bilhete de cadeira, e ás sete horas fui tomar logar no Vaudeville.

« Vi todos os espectadores chegarem, e encher-se o theatro, ficando sómente vazio o camarote de Margarida, o qual abriu-se no principio do terceiro acto.

« Logo que ella entrou no camarote olhou para as cadeiras, e, vendo-me, abaixou a cabeça com semblante prazenteiro.

« Estava riquissimamente vestida, o que attribui á mim, que era senhor da chave da porta do seu quarto!

« A sua perna certa, quero dizer — a tal Sra. Prudencia, appareceu tambem no camarote e sentou-se empertigada, e mais o conde G**, que se conservou no fundo.

« Quando vi esse *machacaz* cahiu-me o coração aos pés, o que deu nos olhos de Margarida por fórma que virou-lhe as costas, e não tirou os olhos de mim.

« No intervallo do terceiro ao quarto acto o conde sahi, e Margarida me fez aceno para que fosse ao camarote, o que fiz logo.

— Adeus, me disse, estendendo-me a mão.

— Bois noites, lhe respondi.

— Sentai-vos, tornou.

— Creio que este logar não me compete, respondi.

— Mandei a pessoa que o occupava, respondeu Margarida, buscar uns doces para vos poder dizer adeus. Prudencia protege-nos tacitamente.

— E' assim mesmo, disse Prudencia.

— Mas que tendes que estais tão *amado*? perguntou-me.

— Estou incommodado...., respondi.

« E porque sahistes então de casa? disse ella com ironia.

— Quiz vir espaiar-me, respondi.

« Não parece, porque estais com cara de poucos amigos, disse Margarida.... Se é porque vistes alguém aqui... estais aviado, continuou....

— Não é por isso, não, respondi-lhe.

« Olá se é!... mas vamos ao que serve. Depois do espectáculo ireis á casa de Prudencia, onde esperareis que vos chame.

— Fico sciante, respondi á custo.

« Lembrestes-vos hoje de mim? perguntou-me maviosamente.

— Sim, Margarida, respondi.

« Outrotanto me aconteceu.... e se duvidais perguntai-o á Prudencia.

— E' verdade... não tira vosso nome da boca, e que já se vai tornando *massante*, atalhou Prudencia. Apre!

— Estais ouvindo?... Pois então quero que volteis para o logar em que estaveis *sem tujir nem mugir*. Ouvistes? disse ella.

— Se desejavas vir hoje ao theatro, porque não pediste que te mandasse um camarote? lhe disse.

— Eu não teucionava vir ao theatro, não, e se aqui estou é porque alguem me obrigou a vir. E querendo ter a satisfação de ver-vos, pedi que viesseis tambem, disse Margarida, com ternura.

— Perdoai-me, Margarida, tornei.

— Está bom, não fallemos mais nisso, retorquiu.... e retirai-vos.

« Sahi do camarote, e esbarrei me no corredor com o conde G... »

« Fui sentar-me no meu logar entregue a mil conjecturas, e no fim do espectáculo vi Margarida metter-se no carro com o conde e com Prudencia.

« Corri á pressa para a casa desta, onde cheguei em menos de um quarto hora, apesar de ir.... a pé.

Fim do primeiro volume.



POESIA.

RECORDAÇÃO.

(IMITADA.)

Como é doce o nosso primeiro amor! Elle é só para nós no passado como a lembrança que Adão guardava de sua queda.

BYRON.

Oh! se te amei! Sofrendo, a minha infancia

Passou sem risos, porque já te amava!

A dor tão cedo torturou minha alma!

No segredo meu pranto suffocava.

Oh! se te amei! Na febre do delirio

Teus annos, te adorando, acompanhei:

Era um amor em trances de loucura.

Donzella, oh! se te amei!

Quando teus olhos languidos me olhãvao...
Meu Deus! como esse olhar me estremezia!

A aureola de poeta a fronte ardente,
Como um circ'lo de fogo, me cingia.

Cerrei no coração teu nome angelico;
Só a Deus em segredo o confiei;

Minha voz era surda te invocando,
Donzella, oh! se te amei!

Oh! se te amei! O pranto da saudade,
Os receios d'ausencia e o isolamento,

Um amor insensato, e o desespero
Da idéa de jazer no esquecimento!

Nem futuro, illusões, glorias e flôres,
Nem os sonhos tão lindos que sonhei...

Sómente esse sarcasmo de desprezo...
Donzella, oh! se te amei!

S. Paulo, Junho de 1855.

X. Y.



A ROSA.

Rosa, Rosa, flôr de meu coração! Como a natureza te ornou de galas e primores! Ainda em botão, já de longe deixas entrever a futura belleza que deves ostentar! ao desabrochar, na infancia de tua passageira vida, és tão mimosa, tão seductora, como o delicado riso de galante donzella! e quando, com o volver do tempo, tornas patente o teu primoroso centro, como faceira e fragrante parecees conquistar a natureza!! Como és encantadora! teus petalos com graça e louçania collocados me despertão n'alma a doce lembrança dos nacarados labios da minha bella! eu te adoro, ó flôr querida, pela pureza dos teus perfumes e elegancia de teus encantos; eu te adoro, porque symbolisás a réaleza e formosura: como é ephemera tua existencia! teus encantos, teus perfumes apenas se prestão aos repetidos beijos de voluvel Beija-flor, ou fazem agradavelmente realçar a trança americana, e logo a vida te abandona! Findas... findas... como finda a belleza!

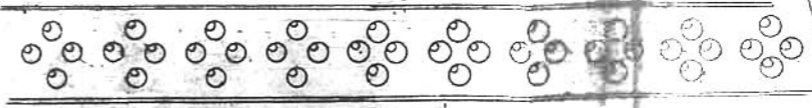
A...



92 Rue Richelieu PARIS

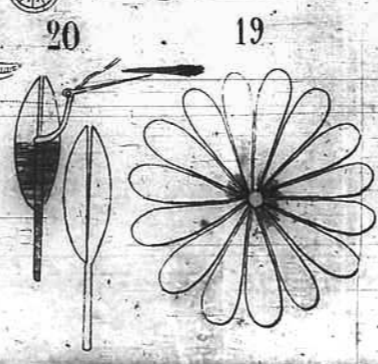
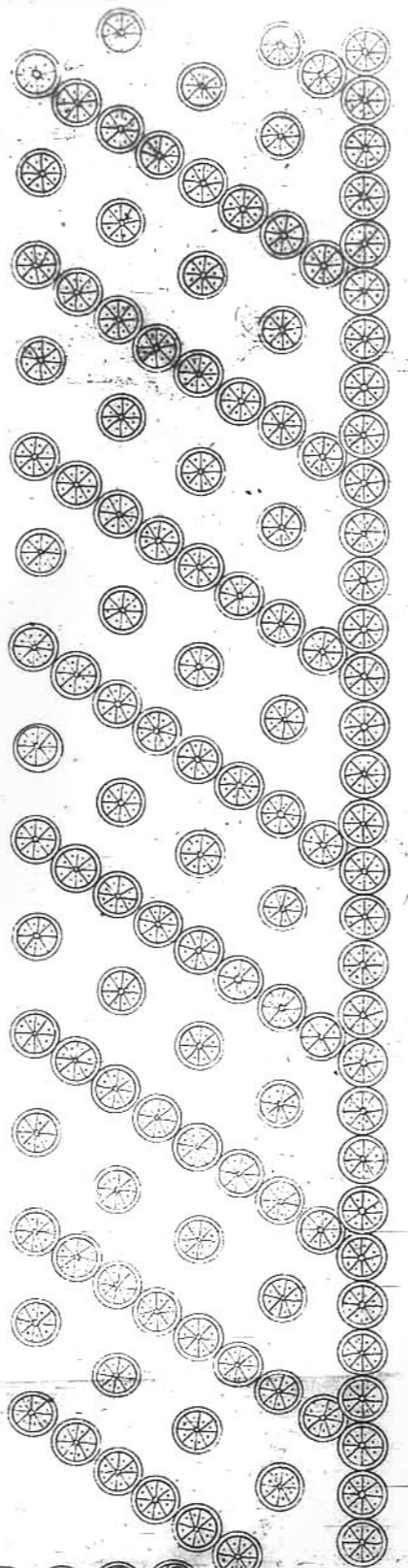
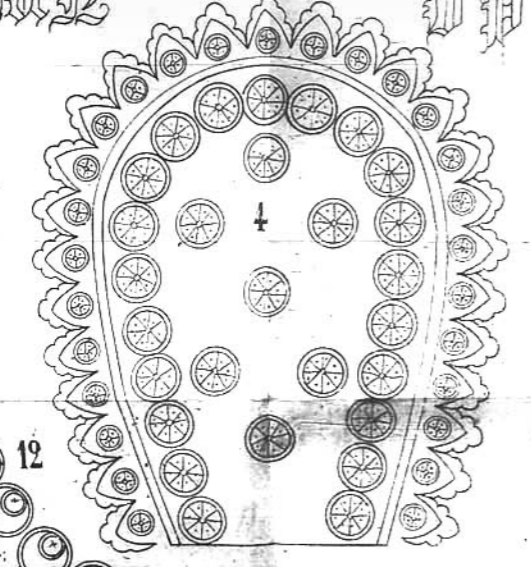
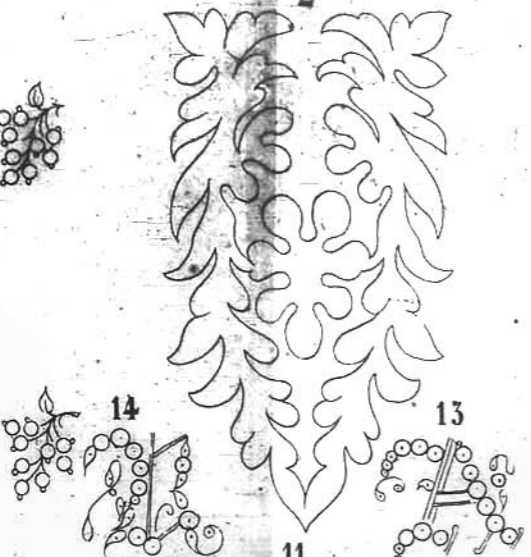
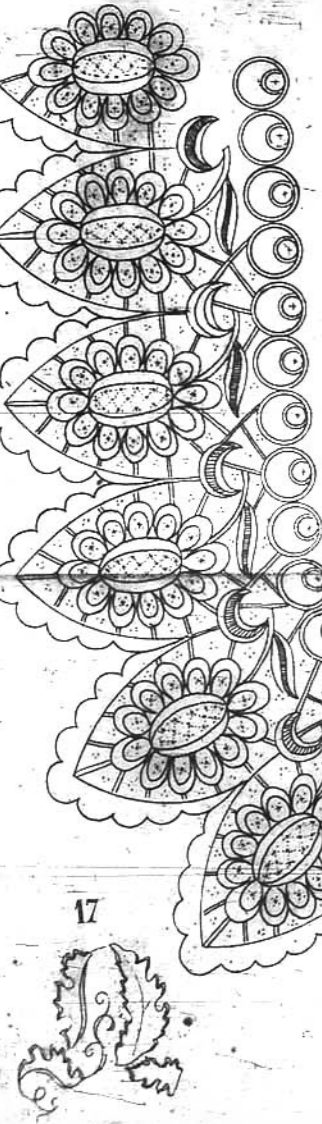
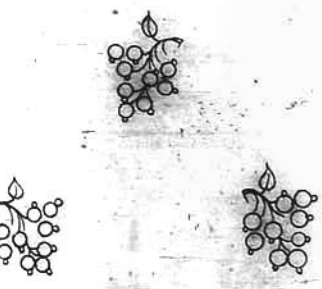
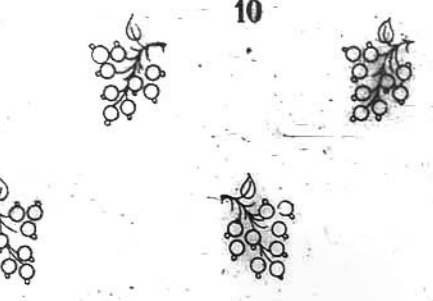
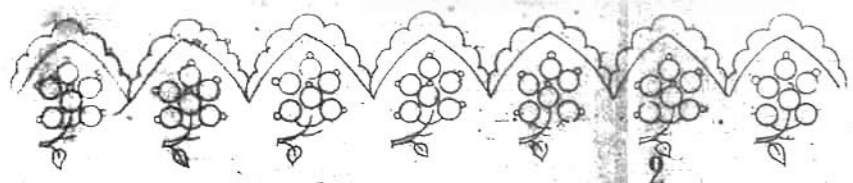
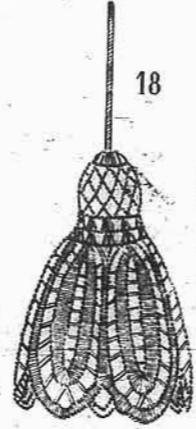
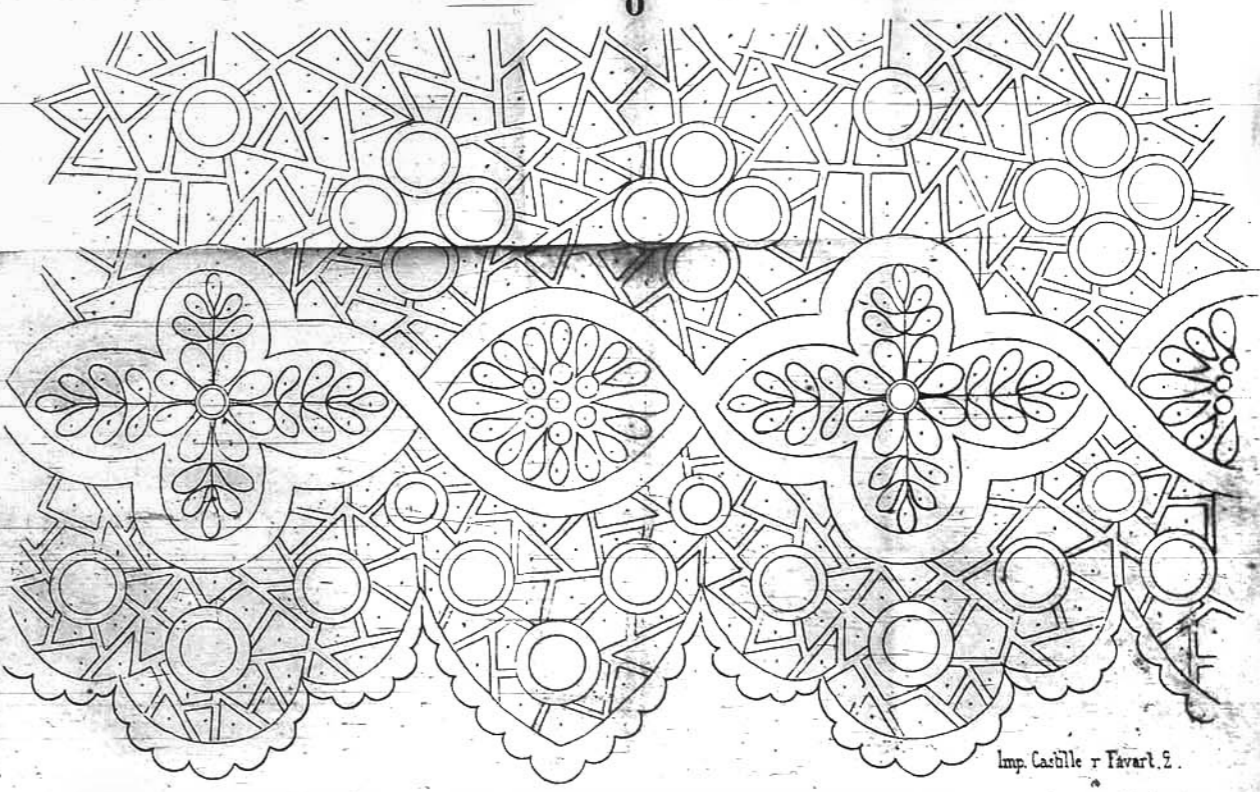
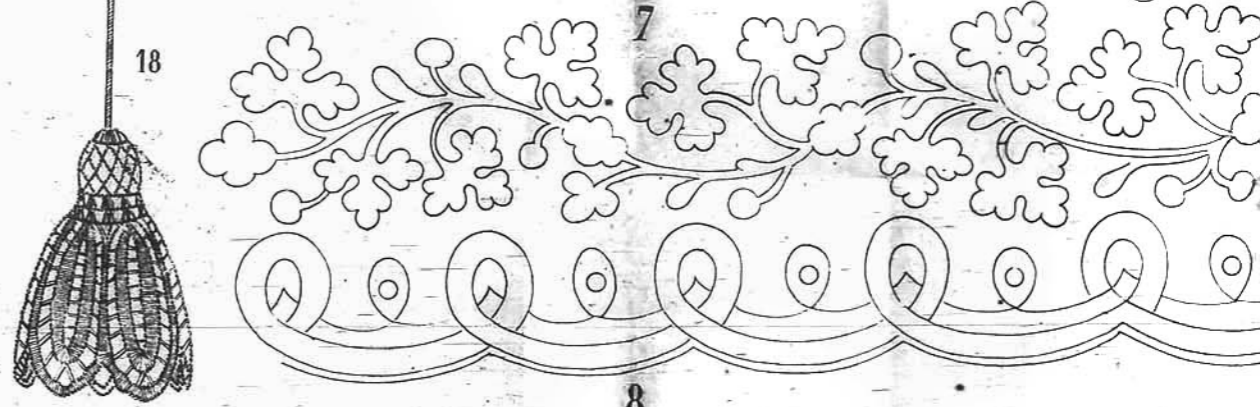
Anna

Céline

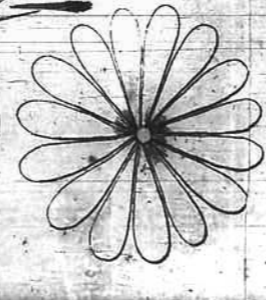


Auguste

Alexandrine



20



GR 9x

Da origem do titulo de Dom.

De um velho livro, mui curioso, extrahi a seguinte noticia, que vos não sera desagradavel della ter conhecimento.

— O titulo de *Dom* deriva-se da palavra latina *dominus*, do verbo *dominor*, a qual por isso significa aquelle que tem mando ou dominio, mas que nós traduzimos impropriamente em portuguez pela palavra *senhor*.

Este titulo de *dominus* foi usado entre os Romanos, e era ao principio de tanta excellencia, que os mesmos imperadores Augusto e Tiberio tinham por adutores aquelles que li'os davão: foi-se porém com o tempo introduzindo mais o seu uso nas provincias do imperio, mas ainda assim se não applicava senão aos maiores principes ou governadores. Nas Hespanhas, ou era rarissimo, ou totalmente senão usava antes da invasão dos Mouros; porque, é certo, que os reis Gódos e Suevos, que dominarão estas provincias, nunca ao seu nome ajuntavão o titulo de *Dom*; e foi el-rei Pelayo o primeiro que o usou; e depois d'elle todos os reis de Leão e Oviedo, dos quaes passou a seus filhos e descendentes, e d'ahi a algumas familias das mais illustres, mas tão raro que nunca se deu ao conde de Castella Fernão Gonçalves, sendo assim que era senhor absoluto e competia em poder com os mesmos reis que então haviam em Hespanha. Pelo tempo adiante veio ali a estender-se tanto, que se dá presentemente a pessoas das classes mais baixas.

Em Portugal succedeu o mesmo: no principio sómente se dava aos reis e seus filhos legitimos; e nem os ricos homens e grandes senhores o usavão: aos mesmos filhos e filhas naturaes dos reis não era concedido, pois vemos no testamento d'el-rei D. Sancho I nomeados sem *Dom* todos os seus filhos e filhas bastardos; e ainda el-rei D. Diniz trata do mesmo modo a sua filha Maria Afonso. Foi o Mestre d'Aviz, filho natural de D. Pedro I, e depois rei destes reinos, o primeiro que desde menino começou a ser chamado com o titulo de *Dom* João. Nas doações do tempo d'el-rei D. Affonso Henriques se vêem as firmas dos ricos homens e grandes senhores sem *Dom*, e só algumas vezes se acha nomeado com elle o conde D. Vasco Sanches, o qual era sobrinho d'el-rei; e se em alguma escriptura desses tempos apparecem nomes de ricos homens acompanhados deste titulo, ou foi vicio introduzido nas cópias, ou cortezia de quem então livrou as escripturas.

Nas futuras gerações se foi introduzindo este tratamento, ou por se derivarem de sangue real, ou por particular concessão dos reis, o que comtudo se fazia com tanta parcimonia, que até aos tempos de D. Affonso V, não só fidalgos, mas ainda senhoras da maior nobreza, não usavão de *Dom*. No tempo deste rei começaram a multiplicar-se os titulos de duques, marquezes e condes, e o *Dom* começou a espalhar-se notavelmente. Cresceu o abuso com os annos, e apesar das leis dos tratamentos promulgadas por el-rei D. João V, etc., não foi possível cohibil-o.

Hoje passa até por um insulto o nomear uma

senhora sem o titulo de *Dom*. Mas, ainda assim, não fazemos nós d'elle tanto abuso como os nossos visinhos hespanhoes; porque, nós temos limitado esta especie de civilidade sómente ás senhoras, quando na Hespanha, não ha um só homem, que não seja o Sr. *Dom* Fulano.

Viscondessa da....

Um emprego que ainda hoje pode dar muito.

Ainda não ha muitos annos que em certos sitios de Lisboa se vião expostos á venda, pendurados em um cordel, e entre as variadas figuras dos doze pares de França e a piedosa scena de Santo Antonio, quando vai livrar seu pai da forca, ternissimas cartas de amores, cujas phrases emphaticas e ardentes erão capazes de abrandar o coração mais empedernido.

Era ali que o pobre namorado, cujos pais havião sido o usual descuido de o mandar alguns mezes á escola, ou cujo acanhado bestunto lhe não permitia alihavar meia duzia de palavras bem ternas e apaixonadas, ia, a troco de seus tres vintens, escolher uma doce cartinha para o constante enlora dos seus sentidos.

Hoje já não existem tão interessantes e vistosos estabelecimentos que adornavão as paredes da moeda e do arsenal: e o pobre namorado bem como o aldeão que veio buscar fortuna á Lisboa; a mulher que tem o seu adão no exercito ou no ultramar; têm de andar mendigando a muito custo um benevolo caixeiro de venda, ou o filho do visinho, que já escreve por alto na escola, para lhe escrever uma carta ao seu bem, ao seu pai, ou ao seu marido.

Não acontece assim, em Napoles, e em Roma, onde ha uma classe não pouco numerosa, cuja unica occupação é ganhar o pão de cada dia escrevendo cartas e petições á aquellas pessoas para quem as letras são um mysterio.

Estes modestos funcionarios publicos, geralmente fallando, não occupão loja ou sobrado; de ordinario exercem seu officio no canto de uma rua ou de uma praça. O seu estabelecimento portatil compõe-se de uma banca carunchosa; dous mochos de pão, um para si, outro para o freguez; um quaderno de papel, duas pennas, um canivete, uma velha escrevaninha, e uns oculos fixos, para lhes ajudar o cansado orgão da vista; e ao mesmo tempo dar-lhes certo ar de autoridade, que uma pessoa sem oculos nunca pôde ter. O seu assento principal é nas immediações do correio, por isso que é ali onde são mais procurados os seus bons officios.

Os objectos sobre que estes *escriptores publicos* têm a exercitar seus talentos e erudição, são vastissimos; mas, como ninguem tem mais vontade de escrever do que os namorados, e que os Italianos são na realidade uma raça de amantes apaixonados, succede que os taes escribas têm a escrever mais cartas de amores, que de todos os outros objectos juntos.

E' uma graça ver um destes modestos velhos escreventes, de longa barba branca e enrugada figura, o singular contraste que faz com a viveza, graça e fogo, da bella *contadina* (camponeza), que assentada a seu lado, tem aberta diante de si, sobre a mesa, a doce carta do seu anado, sobre a qual ainda se lêem as palavras — *anima mia* (minha alma) para amostra das torrentes de ternura, que deste afortunado papel se havião de derramar no peito da ditosa amante, cujo rosto ainda bem manifesta as enchentes de gozo de que está possuída.

E' certamente á uma destas cartas que ella está ditando uma resposta, e no verdadeiro costume italiano, contando pelos dedos, os « *diga-lhe mais* » que vai amontoando, porque os amantes por mais que digão, lhes parece sempre ter dito pouco. O respeitavel secretario do povo, attento e contemplativo, está recolhendo na memoria as importantes bases, sobre que depois ha de desenvolver toda a sua facundia e espalhar as flores da sua rethorica.

Aos viajantes e observadores dos costumes e usos populares, recommendariamos nós as lojas ambulantes dos escreventes publicos em Napoles; onde em consequencia do povo ser ainda mais ignorante, que nos Estados Romanos, e a povoação daquella cidade ser muito maior, é também mais avultado o seu numero.

Em um *Vico* (travessa) ao lado do edificio do correio, em Napoles, estes artistas plantão seu escriptorio, e ali estão mais á mão, não só para escrever as respostas, mas ainda para lêr as cartas que chegam, pois a sciencia da leitura é quasi tão rara, como a da escripta, entre os pobres Napolitanos. Ali, junto ás grades de ferro, pelas quaes se entregão as cartas no correio, os pacientes *escrivani* estão sentados desde as oito horas da manhã até ao anoitecer.

De inverno, e não se pense que também não ha em Napoles rigorosos dias de inverno, elles se embução nos seus velhos *tabarri* (capotes), e por baixo entre os pés, collocão uma pequena panella de brasas de carvão, cuja quantidade se metteria facilmente em uma colher de sópa.

Como os seus freguezes são da classe mais pobre, taes como os soldados e marinheiros, suas mulheres ou namoradas, pastores e guardadores de gado da Calabria, criadas de servir, é de suppor que os seus lucros não sejam avultados, e que por consequencia o officio não pôde ser dos mais rendosos. Por uma carta de tamanho ordinario levão cinco *grani* (cousa de dous vintens), e este preço é elevado até dez e mesmo quinze *grani*, segundo o tamanho e o conteúdo da epistola. As petições ao governo e aos tribunaes, custão de dous até tres *carlini*, e tres *carlini* fazem a importante quantia de doze vintens. E comptudo o *escrivani* não só vive, mas também pela maior parte sustenta a sua familia; e até duas ou tres vezes no anno, dá seu passeio de carrinho pela cidade, em algum dia santo memoravel.

Dará, ou não dará lucro este officio bem tanguilinho cá na nossa terra?

(Cont.)

Por Eloiza.

Os grãos da embriaguez.

— Existe entre os Rabinos uma tradição de que, quando Noé plantou a vinha, Satanaz se achou presente, e sacrificou ao mesmo tempo uma ovelha, um leão, um macaco e um porco. Estes animaes devião ser o symbolo da gradação da embriaguez. Quando um homem começa a beber, é tão meigo como o cordeiro; torna-se depois atrevido como o leão; bem depressa a sua coragem se transforma na tolice do macaco; e por fim espoja-se no lameiro como o porco.

CHRONICA DA QUINZENA.

Eit-a.

Leitoras, ouvi um conselho de amiga:

Dedicando-vos á collaboração de qualquer Jornal, ou redigindo-o, jámais queirais incumbir-vos de noticiar os factos de uma *quinzena*!!

Horriavel missão é esta; e mais manifesta se patentêa sua horribilidade, quando a maldita indisposição, como que coagindo-me as faculdades, colloca-me junto á mesa, immovel e muda, em frente de um nupça-acabar de tiras de papel em branco.

Percorrendo os olhos da reminiscencia por um preterito todo de inquietações, lá vejo abertas as portas do *Cassino*; as sacadas da popular *Thalia*; atupetadas de fumantes rigoristas e especuladores cambistas os sagueos do *S. Pedro e Provisorio*; o Templo Carmelitano agitando seus bronzes em sollemnização ao Deus-homem inauimado; ao passo que vejo fecharem-se os mallogrados porticos da Igreja de *Santa Rita*, e desarraijarem-se as sanças dos improvisados *coretos*, ludibriados pela chuva.

E vendo que, por honra da firma, hei de tudo isso chronofisar em ordenada successão, é então que maldigo este compromisso horriavel, e lanço saudosos e furtivos olhares para o *Tambor d'Arcole*, *Sultana*, *La Cuasse* e *Reveri*, minhas peças de musica, que jazem sobre a resignada estante do meu pachorrento piano, arrufo-me com o Sr. consortesinho, que me força á escripta, exaspero-me atirando mil vezes a penua á esmo, e concluo tudo isto, exclamando tragicamente, como o *Pedro da Castro*: —

« Por tal preço, Senhor, não quero o throno! »

Mas já que sem querer vos fallei de novidades *chronologicas*, respiro um poucachito; e como se me houvesse convencido de injustiça, surrio-me ao maridinho cobisbaixo, que agarrado ao piano se não farta de estropear o dueto da *Norma*:

— Estou disposta a ir até o fim, lhe digo.

Não me responde; e eu desculpo-lhe o silencio, pois vejo-o afflictissimo a querer á força mover no teclado a endurecida mão esquerda. Mas, como também isso afflige-me, grito-lhe, com certo ar de imposição:

— Vá acabar a comedia, Sr. Santos, que isso

de querer tocar á força, sem dar-se ao trabalho do estudo, é malhar em ferro frio.

Levanta-se elle; formalisa-se um pouco; e depois de dar-me um — *Sim Senhora* — muito secco, vai á escrevaninha, senta-se de costas para mim, abre-a, tira papel, empunha a caneta, volta a cabeça, e indo dizer-me não sei o que, levanto-me e corro a dar-lhe um abraçinho de nova alliança.

Eis o Céu aberto, leitoras! Por certo, que tudo isto é bello; é contra a expectativa de alguém...

Mas como vós contava..... depois desse correspondidissimo *apertão*, deixo a *Chronica*, vou substituí-lo no Sr. BUTCHER E COMP.; e enquanto elle escreve, eu toco com todos os *éfes* e *érres* o *Rondó de Paganini*.

Dou *caput*; passo á *Rosa do Verão*; depois á aria final da *Lucrecia*; e apenas faço soar a ultima nota da *Beatrice*, sinto tocar-me no hombro, e ouço:

— Muito bem, agora escuta.....

Olho, e *vejo-o* de pé, empunhando um papel.

— Escuta, diz-me elle.

— A Comedia....! Acabaste-a?

— Não; escuta. Repete-me, e lê o seguinte:

« EU HEI DE MORRER! »

A' esta asserção terrível, confesso-vos que estremecei! Seus olhos estavam rasos d'agua, e não tardou que os meus tambem os imitassem.

E elle continuou:

« EU HEI DE MORRER! »

« Após tanta flicidade

« Que fruimos no presente,

« Da nossa vida o poente

« Ali 'stá na eternidade.....

« Enquanto vibravas

« Canções que eu ouvi,

« Escuta, Vargesia,

« O que eu escrevi:

« Eu hei de mesmo gerar

« Vermes que hão de me comer,

« Não podendo ossos roer

« Nua ossada hão de deixar.

« A *saudade* ha de murchar,

« Ha de a lousa se abater,

« O cipreste ha de ceder

« Ao tufão que o desfolhar;

« Depois o tempo a correr

« Ha de em pó tudo tornar.

« Ave nocturna, agoureira,

« Lugubrememente piando,

« Minha fiel companheira,

« Só terei de quando em quando

« Junto á minha cabeceira

« Na funerea cruz pousando!

« Que m'importará

« Mudar-se estações?

« Quem m'acordará

« P'ra ouvir os trovões?...

« Ha de o sol raiar mil vezes,

« Mil vezes brilhar a lua,

« Virão dias, virão mezes;

« E da lousa fria e nua

« Não virá um ser humano

« Traduzir funereo arcano?

« Poeta, que buscas, o estro inspirando,

« Colher emoções n'um triste jazigo,

« Alta noite, meditando,

« Só então serás commigo!?...

« Lerás no epitaphio: *Das Musas herdeiro*

« *Aqui dorme em paz, dos annos n'aurora!*

« Poeta, suffraga meus restos, e chora

« Um' hora, um minuto, sê meu companheiro!...

« O peccado original

« A ninguém da morte exime;

« Vargesia, tens sorte igual,

« Somos réos do mesmo crime!

« Tu has de seguir

« Tambem minha sorte?

« Tu has de dormir

« O somno da morte?

« Depois que ao martyrio do transe profundo

« Da triste materia minh'alma ausentar-se,

« Vargesia, o teu corpo terá d'habitar-se,

« E os teus attractivos morrer para o mundo?

« Sim, que á tanto supportar,

« Tanto chorar e gemer,

« Teu rosto se ha de enrugar,

« Tua voz se enrouquecer!...

« Mas quem pôde assim romper

« Do futuro o nevoeiro?

« Qual de nós irá primeiro

« Eternamente jazer?.... »

E o resultado de tudo isto, querida leitora, foi um não se entender de lagrimas... oh! estava bello; qualquer de vós, espectadora desta tragica scena, choraríeis tambem.

Quanto á poesia, não emitto a minha opinião, pois sou suspeita, e teríeis razão se dissesseis: *Quem gabará o noivo?*

Bom, isto já quasi que cheira a romance, é mister fazer ponto final, e cuidar no tal Sr. *Reveri*, que é difficil musica e causa, que não é festa.

Gervina N. P. dos S. N.

Pensamentos.

Os amigos interesseiros são como o caracol: no bom tempo deitão a cabeça de fóra; mas, logo que sentem o menor toque da desgraça, encolhem-se e mettem-se na concha.

Os que dão attenção aos aduladores são como os cegos, que, ouvindo o que lhes dizem, não vêem o que se faz.

As lagrimas e riso dos aduladores são como os das figuras pintadas, que riem sem alegria e chorão sem tristeza.

O melhor conselho que se pôde dar aos go-

vernos é que amem a religião e a proteção; aos povos, que sejam fieis ás suas maximas; aos desgostosos da vida e desejosos de terminal-a, que implorem o auxilio divino; que lhe peção as forças que lhes faltão para resistir á tentação de morrer.

BASTOS — *Meditações.*

Publicamos hoje a promettida explicação que o Sr. Santos Neves dá á sua adivinhação publicada em tres diferentes jornaes e posta a premio ha mais de dez mezes, sem que neste tempo de espera apparecesse, entre as centenas de decifrações que forão remettidas á redacção destes jornaes, uma só que acertasse, a não ser ultimamente o Sr. E. J. da S. P. E para que as nossas Assignantes não tomem o trabalho de ir procurar os numeros anteriores do nosso jornal, nós reimprimos aqui a dita

ADIVINHAÇÃO.

Uma mãe teve uma filha,
Essa filha não nasceu,
Essa filha não tem mãe,
E essa mãe não morreu.

Vivem juntas, bem que ausentes;
Ambas têm a mesma idade;
Mas a filha envelheceu,
A mãe 'stá na mocidade.

Comem só quando têm sede,
Bebem só quando têm fome;
Uma é d'um polo, outra d'outro,
Ambas têm o mesmo nome.

Quando uma ri-se, outra chora,
Quando uma dorme, outra véia;
Sem ter filho, a filha é mãe,
A mãe que a tem é donzella.

No verão a mãe tem frio,
No inverno a filha abrasa;
Mas a filha, quasi gelo,
Faz a mãe ficar em brasa.

Nascêrão ambas n'um dia,
E por nova maravilha
Deve a filha o ser á mãe,
A mãe deve o ser á filha.

DECIFRAÇÃO.

As duas Americas, Septentrional e Meridional.

EXPLICAÇÃO.

As Americas, uma descoberta em 1492, por Christovão Colombo, e a outra pelo Florentino Americo Vesputio em 1497. A mais antiga toma o nome de *mãe*, e a outra o de *filha*.

D'aqui, por diante, seguem-se as combinações, que se contrarião, em razão da opposta posição em que ellas localmente se achão; resultado das estações, attendendo aos tropicos de Cancer e Capricornio, etc., etc.

Tomando-se, pois, figuradamente a Meridional, onde se acha o Brazil, sob a zona torrida, pela mais velha, e por consequencia *Mãe*, e attento ao progresso material dos Estados-Unidos, na Septentrional, (filha por consequencia), explica-se dest'arte o anacronismo —

*Mas a filha envelheceu,
A mãe 'stá na mocidade.*

Levar a minuciosidade destas explicações ao ultimo verso, seria, não só abusar da attenção das leitoras, ás quaes se dedica este Jornal, como duvidar de sua litteratura, repetindo theorias que bebemos nos rudimentos cosmographicos e geographicos, com a simples leitura de Gaultier, Balbi, Villiers, Nunes de Souza, etc.

Está sabido, que essas duas Americas, comquanto, unidas pelo isthmo de Papamá, (por consequencia *juntas*), com a total abstracção dessa lingua de terra que as prende, as teriamos muito e muito distantes.

Seguidamente, caminhando por aqui, verão (aquelles que se quizerem dar ao trabalho da decifração, ao qual se deu o Sr. E. J. da S. P.), que figuradamente apparecerão todas essas contradicções, aliás razoaveis, em razão da posição antipoda e dos phenomenos que se dão nas estações, etc., etc.

A. J. dos Santos Neves.

CHARADA.

Eu estou em todo o mundo, 1
Sou um retrato em relevo. 2
Que sou eu, meu charadista?
Sou da natureza um enlevo.

A decifração da charada do n.º 52 é: *Cadeado.*

Acompanha este n.º 55 um padrão de bordados.